1.214

MEMORIAS
DA
ACADEMIA.

CLASSE
DE
SCIENCIAS MORAES,
E BELLAS LETRAS.

Fol
1211

MEMORIAS

DA

ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS

DE LISBOA.

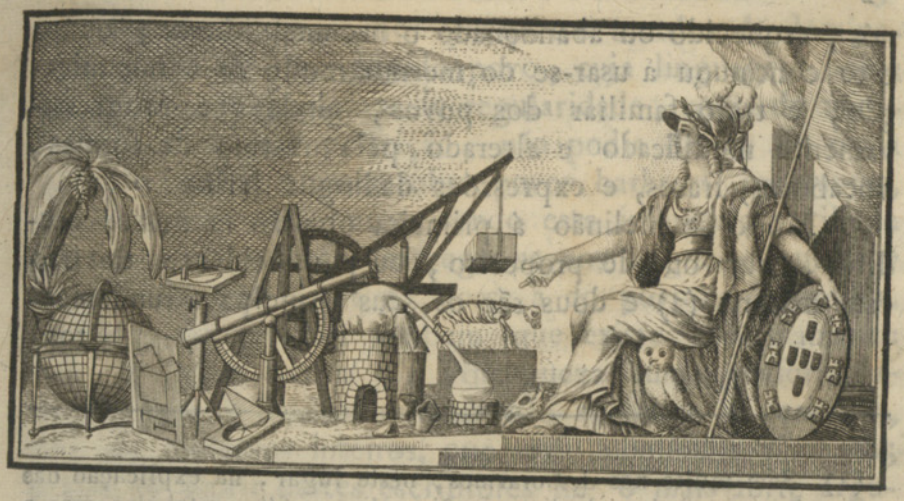
Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO XII. Parte I.

LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1837.



MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

MEMORIA

Em que se pretende mostrar, que a Lingua Portugueza não he filha da Latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos Lusitanos.

Por D. Francisco de S. Luiz.

He nosso intento examinar nesta Memoria *se a lingua Portugueza he filha* (como dizem) *da Latina*, isto he « se pela entrada e longa dominação dos Romanos na Lusitania, ficou a sua lingua sendo commum e vulgar entre

nós, esquecido ou abandonado o nacional idioma; ou se este continuou a usar-se do mesmo modo na communicação, e trato familiar dos povos, ainda que progressivamente modificado e alterado pela mistura de fórmas, vocabulos, frases, e expressões da lingua latina? » (1)

Muito se inclinão á primeira opinião os nossos eruditos, que ou de proposito, ou por incidente tratárão esta materia (2) e dous são os seus principaes fundamentos

---

(1) Sem muito nos demorarmos, neste lugar, na explicação das expressões metaforicas de *lingua mãi*, e *lingua filha*, estabelecemos a questão no sentido, em que commummente a tomão os escriptores Portuguezes, que de proposito a tratárão. Seja exemplo, por todos, Duarte Nunes de Leão, que na *Orig. da ling. Portug.* cap. VI. diz assim « polo que vindo os Romanos a lançar de Hespanha os Carthaginezes, que occupavão grande parte della, foi-lhes facil haver o universal senhorio de todos, e reduzir Hespanha em fórma de provincia, como fizerão, dos quaes como de vencedores, não sómente os Hespanhoes tomárão o jugo da obediencia, mas as leis, os costumes, e a *lingua Latina, que n'aquelles tempos se falou pura como em Roma, e no mesmo Lacio, até á vinda dos Vandalos, Alanos, Godos, e Suevos....* » etc.

(2) Dos escriptores Portuguezes, que temos lido, dous sómente encontramos, que ouzassem enunciar com franqueza a opinião contraria. O primeiro he o Senhor Antonio Ribeiro dos Santos, hoje fallecido, o qual na sua *Memoria sobre as origens e progressos da Poesia Portugueza* (Memor. de Litterat. da Academ. tom. VIII. part. II.) diz assim: *Mostramos em nossa Obra das origens da antiga lingua de Hespanha, e de seus actuaes dialectos, que a nação Hespanhola conservou sempre o seu idioma primitivo, posto que alterado, em todo o tempo do senhorio e dominação Romana.* O segundo he o Senhor João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissert. Chronol. e Crit.*, tom. I. Dissert. V. aonde se explica nos seguintes termos « *Eu porêm me persuado, que a lingua original dos Hespanhoes se não extinguio com a dominação dos Romanos, antes conservando-se tambem a través da dominação dos Godos, Suevos, e Arabes, foi neste quarto periodo, que se subdividio*... etc. » Esta opinião de dous Academicos tão doutos em nossas cousas, e hum dos quaes tem visto e analysado muitos milhares de documentos dos nossos archivos, e derramado tanta luz sobre as antiguidades Portuguezas, não póde deixar de fazer grande pezo em favor do sentimento que adoptâmos, e pretendemos desenvolver nesta Memoria.

tos. *Primeiro*: parecer-lhes que quatro seculos de dominação pacifica de hum grande povo, cuja linguagem havia subido a hum alto grao de regularidade, copia de vocabulos, polidez, e perfeição, não podia deixar de ter a mais decisiva influencia sobre povos barbaros, ignorantes, e sobjugados, maiormente sendo essa influencia auxiliada por leis, que vedavão empregar-se nos negocios publicos outra linguagem, que não fosse a do povo conquistador. *Segundo*: parecer-lhes tambem que existe effectivamente entre a lingua Latina e a Portugueza huma conformidade tal, que se podem ordenar não só frases e periodos, mas até discursos inteiros, que sejão communs a ambas; o que no sentir destes escriptores he o mais forte argumento da identidade primitiva dos dous idiomas, e da manifesta filiação, que a lingua Portugueza póde gloriar-se de trazer da Latina.

Sem embargo porêm destas razões que temos por pouco solidas, e do respeito e veneração, que nos merecem muitos dos seus autores, nós ouzamos pensar de diversa maneira, e temos como muito mais provavel, ou antes como certo, que a linguagem usada por nossos maiores antes da entrada dos Romanos no nosso territorio, e ainda antes do imperio de Augusto Cesar, isto he, antes da dominação pacifica dos mesmos Romanos, posto que já alterada com muitos vocabulos, frases, e fórmas, que successivamente lhe havião subministrado os Fenicios, Hebreos, Cartaginezes, Gregos, e os mesmos Romanos, foi com tudo a que sempre se continuou a usar na communicação e trato vulgar, sem que jámais os Lusitanos a abandonassem, ou della se esquecessem, para tomar o uso exclusivo da lingua Latina.

Move-nos a pensar assim, em primeiro lugar, a natural e obvia consideração da difficuldade, ou quasi impossibilidade, que se encontraria em fazer huma tão substancial e absoluta mudança.

He a linguagem hum dos primeiros habitos que adquirimos na infancia; huma das primeiras artes, que aprendemos desde o berço, e quasi sucâmos com o leite de nossas mãis. Ella se converte como em propria natureza: os orgãos afazem-se, muito com cêdo, ás suas inflexões proprias, aos seus usos, ás suas fórmas, e ao estilo e maneira de suas expressões; e nós conservamos tudo isto com tanta tenacidade, quanta he a que se observa na conservação de todos os habitos, usos, e geitos, que adquirimos na primeira e mais tenra infancia, e que depois se vão progressivamente fortificando com a pratica quotidiana, contínua, incessante de toda a nossa vida.

Tem-se visto, por muitas vezes, hum povo vencido e sobjugado ser constrangido a adoptar a linguagem do vencedor nos actos do governo, nas negociações politicas, nos contractos, litigios, diplomas, etc., que tem ou devem ter autoridade publica; e chegar esta influencia da nação vencedora a fazer que os vencidos falem (se assim podemos explicar-nos) duas linguas ao mesmo tempo, ou porque a necessidade obriga a huns ao estudo da lingua dominante, ou porque a lisonja e a dependencia move a outros, que vivem com os que exercitão o poder, e os querem ter favoraveis e propicios.

Tem-se visto outras vezes que huma nação dominante, cuja lingua he copiosa, polida, regular, e agradavel, influa poderosamente na lingua do povo vencido, emprestando-lhe vocabulos, fórmas, frases, e expressões, e causando-lhe pelo decurso de seculos tão sensivel alteração e mudança, que dahi resulte huma como nova linguagem, que sería quasi de todo desconhecida a quem a comparasse com o seu estado precedente.

Mas tudo isto não póde (segundo o nosso conceito) extinguir jámais de todo a lingua original, e primitiva de hum povo, nem chegar a transformar a sua indole, genio, e caracter natural e proprio, ou a alterar substancialmente as suas fórmas distinctivas e essenciaes.

Mui-

Muitas provas nos offerece desta verdade a Historia antiga.

O Egypto, por exemplo, foi successivamente sobjugado pelos Persas, Gregos, Romanos, e Arabes. Dos Gregos, em especial, sabemos que dominárão aquelle paiz classico por mais de trezentos annos continuos, e que depois da morte de Alexandre, ali assentárão os Lagidas o seu throno, e o conservárão, sem interrupção, por espaço de duzentos e noventa e quatro annos, até á morte de Cleopatra. A lingua Grega foi em todo este tempo a lingua da corte, do governo, das leis, e dos sabios, e era empregada em medalhas, e inscripções: lingua em si perfeitissima, conhecida ja então em todo o Oriente, e tão geralmente usada, que os proprios Judeos, que vivião entre os outros povos, e a falavão, tiverão por conveniente trasladar para ella os livros santos, e não duvidárão adoptar nas suas synagogas esta versão, ao menos para servir como de interpretação e parafrase ao texto, para uso daquelles, a quem a lingua original era desconhecida.

Por outra parte os primeiros Ptolemeus se mostrárão generosos protectores das letras, fundando e enriquecendo a famosa bibliotheca de Alexandria (3), acolhendo benignamente os sabios de todas as nações, e fazendo daquella illustre cidade o centro commum de todos os conhe-

(3) Esta grande bibliotheca, constante de sete centos mil volumes, foi incendiada, na maior parte, pelos Romanos, estando Cesar cercado em Alexandria. Reformou-se depois com duzentos mil volumes da bibliotheca de Pergamo, de que Antonio fez donativo a Cleopatra; e tornou a ser incendiada pelos Christãos, juntamente com o templo de Serapis, aonde estava collocada, imperando Theodosio o maior. Ultimamente os Arabes acabárão de destruir e queimar tudo o que ainda restava de livros profanos, e tudo quanto os Christãos havião colligido de livros ecclesiasticos. Veja-se Justo Lips. *de Biblioth. syntagm.* cap. II. e Ginguené, *Histoir. litter. d'Italie*, cap. IV., Paris, 1811, 9 vol. em 8.°

nhecimentos scientificos e (para nos explicarmos com as palavras de Ammiano Marcellino) *diuturnum praestantium hominum domicilium.* Tudo pois parecia concorrer para que a lingua Grega se vulgarizasse no Egypto e fizesse esquecer áquelles povos o seu idioma natural. Elles até adoptárão os caracteres do alfabeto Grego, acrescentando-lhe tamsómente alguns do antigo alfabeto Egypcio, que exprimião articulações estranhas á lingua Grega. Com tudo (diz hum douto escriptor) *a potente monarquia Grega acabou, depois de haver subsistido tres seculos, em hum paiz, aonde nada era grego, nem a lingua, nem a religião, nem os costumes, nem as opiniões, nem as proprias preoccupações* (4).

Por morte de Cleopatra, ultima pessoa reinante da dynastia Macedonica dos Lagidas, passou o Egypto ao jugo dos Romanos, que o dominárão por mais de seis seculos, do mesmo modo, e com as mesmas artes, com que governavão as Hespanhas, as Gallias, e as outras chamadas provincias do imperio. Os argumentos com que se pretende mostrar que a lingua latina devia tornar-se não só dominante, mas tambem vulgar nas provincias occidentaes do imperio Romano, são applicaveis a outras quaesquer provincias, e ainda com alguma especialidade ao Egypto, que já desde Cambyses, em consequencia das frequentes revoluções que tinha sofrido, e da barbaridade de seus oppressores, havia abandonado, e quasi esquecido as suas antigas instituições e costumes. Não obstante isso (diz outro illustre escriptor) *os monumentos, e autores são conformes em attestar, que a lingua dos antigos Egypcios se conservou no paiz debaixo da dominação dos Persas, dos Gregos, dos Romanos, dos Arabes, dos Sultões Mamelukos, e dos Turcos, até ao seculo XVI., tempo em que*

(4) Champollion Figeac, *Annal. des Lagid.* Paris, 1819. Tom. I. cap. III.

que ainda se falava nas partes mais remotas do alto Egypto (5). *Mr. Quatremere* (continúa o mesmo escriptor) *provou de hum modo incontestavel, que a lingua Egypcia se tinha conservado no Egypto até quasi ao seculo oitavo depois da conquista do paiz por Amrou ben-Alâs* (6), *isto he, até ao sec. XV. da era vulgar: por onde* (conclue) *fica bem demonstrado, que a lingua Copta he a propria lingua dos antigos habitantes do Egypto* (7).

Ja antes destes modernos eruditos tinha hum douto Critico observado, que a lingua, que os Christãos Coptos falavão em outro tempo, e na qual traduzirão a Biblia, e muitos outros livros, *parecia ser a antiga lingua do Egypto, posto que alterada e misturada de vocabulos Gregos, e de alguns Arabes, Ethiopes, e até Latinos*: e he opinião corrente que as versões Coptas da Biblia não são anteriores ao concilio geral de Nicêa, isto he, ao anno 325 da era christã, tempo em que o imperio Grego era acabado, e os Romanos dominavão o Egypto havia mais de tres seculos (8). Nós poderamos acrescentar a isto, que a lingua Arabe nunca chegaria a naturalizar-se de todo no Egypto, apezar de tão longa dominação, se as barbaridades de tantos seculos não houvessem exterminado a maior parte das familias indigenas, de que apenas hoje restão fracos e meio-apagados vestigios.

Semelhante argumento se póde fazer ácerca dos Hebreos. Elles forão igualmente conquistados pelos Gregos, e ficárão sujeitos ao seu imperio pelo mesmo espaço de tempo. Alguns de seus principes naturaes amárão e favo-

re-

(5) Champollion jeune, *L'Egypte sous les Pharaons*, Grenoble 1814. Tom. I. *Introduct.*

(6) Foi esta conquista no an. 640 da era Christã.

(7) Quatremere, *Recherches sur la lang. et la litteratur. de l'Egypte.* Paris, 1808. Sect. I. e II.

(8) Richard Simon, *Histoire Critiq. du vieux Testam.* L. II. cap. XVII., *e Hist. Critiq. du nouv. Testam.* cap. XVI.

recêrão o grecismo com paixão, e até hum delles, Aristobulo, foi por este motivo appellidado *phileleno*, isto he, amigo dos Gregos. Muitos Judeos tinhão hum nome Hebraico, e outro Grego. Outros grecizavão, dando ao nome nacional fórmas Gregas. No meio deste periodo da dominação Grega, Bacchides, Capitão de Demetrio, Rei da Syria, encheo a Judêa de tropas, e colonias Gregas (9). Os escriptores Judeos desta epoca, Ezechiel poeta tragico, Eupolemo, Demetrio, Lysimaco, Philo, e Joseph escrevêrão em Grego. As seitas dos Fariseos, Saduceos, e Essenios erão Gregas, ou Greco-Orientaes. Nas suas inscripções e medalhas se empregou muitas vezes este idioma; e finalmente nelle forão escriptos todos, ou quasi todos os livros sagrados do Novo Testamento.

Sem embargo de tudo isto os Hebreos da Palestina, e dos paizes circumvisinhos nunca de todo deixárão a sua lingua natural, que era então a Hebraica, com alguma mistura da Syriaca ou Chaldaica, tal como a havião trazido de Babylonia. Neste idioma se explicárão, em presença do impio, e feroz Antiocho, os illustres e fortes Macchabeos, como nos consta dos livros canonicos deste nome (10) aonde he denominada *lingua patria* a lingua, em que elles então fallárão. De muitos lugares do Novo Testamento se collige claramente, que essa mesma era ainda no tempo de nosso Salvador Jesu-Christo, e ja debaixo do imperio dos Romanos, a lingua usual e vulgar daquelle povo. As escripturas do Antigo Testamento erão citadas por Jesu Christo e pelos seus discipulos conforme os textos Hebraicos, como testifica S. Jeronymo (11). S. Mattheus escreveo o seu Evangelho em Hebraico para instrucção dos seus compatriotas, segundo opinião de Santo

(9) I. Macchab. cap. IX.
(10) II. Macchab. VII. 8. 21. 27. XII. 37. XV. 29.
(11) S. Jeron. *Apolog. adv. Ruffinum*, Lib. II.

to Ireneo, Origenes, Eusebio, S. Jeronymo e outros escriptores antigos. O proprio Flavio Joseph, que escreveo em Grego, como acima tocámos, nos diz na prefação da *Historia Judaica*, que primeiro a tinha ordenado e composto na *lingua patria*, e que agora a trasladava em Grego para uso e intelligencia daquelles, que erão sujeitos ao imperio Romano (12). Pelo que tudo se vê, que nem a dominação dos Gregos, nem a dos Romanos podérão extinguir, ou ainda alterar a lingua nacional e propria dos Judeos.

Outro exemplo notavel nos subministra a Africa. As regiões septemtrionaes desta parte do mundo forão completamente dominadas pelos Romanos do mesmo modo que o forão as Gallias e as Hespanhas. Depois da destruição de Carthago por Scipião, elles se apossárão successivamente da Numidia e das Mauritanias. A Lybia lhes foi deixada em testamento, etc. Em todos esses paizes estabelecêrão colonias, e tiverão governadores, proconsules, e legiões. A propria Carthago foi restaurada e povoada de cidadãos Romanos pouco depois da sua ruina, e outra vez novamente em tempo de Augusto. O dominio dos Romanos durou tranquillo, salvas as perturbações domesticas communs ás outras provincias, até o seculo V., em que os Wandalos passárão á Africa; mas sendo estes vencidos, e totalmente derrotados no seculo VI., e o seu reino extincto por Belizario, tornárão aquellas regiões ao poder dos Romanos, e nelle se conservárão até á invasão dos Arabes no seculo VII.

Sem embargo porêm de tão longa, e quasi sempre pacifica dominação, a lingua Punica era ainda vulgar naquelles lugares nos fins do quarto, e principios do quinto seculo, maiormente nas povoações ruraes, como nos consta

(12) Joseph. *De bello Jud.*, *Praefat.* Euseb. *Eccl. Hist.* Liv. III. cap. IX.

por muitos passos das obras de S. Agostinho (13), que julgamos desnecessario allegar extensamente.....

Mas para que nos cançamos em buscar mais exemplos estranhos na Historia dos antigos povos? Nas proprias Hespanhas temos o mais firme argumento da verdade que aqui pretendemos estabelecer.

Reconhecem todos os nossos escriptores, e he innegavel, que os Fenicios e Carthaginezes (cujos idiomas erão substancialmente identicos) não só viverão entre nós por alguns seculos, tendo frequente trato e commercio com os povos peninsulares, e principalmente com os litoraes; mas tambem dominárão parte do nosso territorio, fizerão nelle largos estabelecimentos, fundárão povoações e cidades, e nos communicárão alguns de seus usos, leis, e praticas civis e religiosas.

Aquelles dous povos nada tinhão de ignorantes e barbaros, nem isso era compativel com o seu vasto commercio, com as suas emprezas maritimas, e com a opulencia, e luxo de Tyro e de Carthago. Dos Fenicios receberão provavelmente os Hespanhoes os caracteres da escriptura, que os eruditos chamão, por esse motivo, *Hispano fenicios*, *Bastulo fenicios*, etc., e que se vêm esculpidos em antigas medalhas da Hespanha meridional. Os Carthaginezes, ao tempo da primeira guerra Punica, estavão senhores de huma parte de Africa, das Hespanhas, da Sicilia, e da Sardenha: tinhão, por assim dizer, todo o ouro do mundo; tinhão frotas numerosas; huma experimentada marinha, e grandes generaes. Parecia que toda Europa devia soportar o seu jugo, e render lhes obediencia. Tudo isto porêm não foi bastante para que os povos peninsulares, ainda os mais familiarisados com aquellas duas nações, adoptassem o seu idioma, posto que delle to-

(13) Vej. *Epist. ad Romun. inchoata exposit.* cap. XIII., *ad Novat.* Ep. LXXXIV., *ad Caelest.* Ep. CCIX. etc. etc.

tomassem muitos vocabulos, de que restão frequentes vestigios em todos os dialectos da Peninsula.

Qual he pois esse particular privilegio, que tiverão os Romanos nas Hespanhas, ou na Lusitania, para que só pela communicação de algumas legiões (14) nem sempre bem sofridas dos nossos (15), e pelas quimericas prerogativas de colonias, e municipios, dadas a poucas cidades, que occupavão huma insignificante porção de territorio, fizessem esquecer aos habitantes indigenas, aliás numerosissimos, e tenacissimos de seus costumes, a lingua natural para adoptarem hum idioma estrangeiro?... hum idioma, cujas perfeições os Lusitanos não sabião avaliar; cuja indole era opposta aos habitos que elles de longos seculos havião contrahido; cuja copia e riqueza

(14) O receio que temos de causar fastio aos leitores eruditos, repetindo-lhes particularidades, que elles não ignorão, nos obriga a passar em silencio muitas cousas que farião ao nosso proposito. Notaremos com tudo aqui brevemente, que no tempo de Augusto e de Tiberio somente tinhão os Romanos 25 legiões, cada huma de 3:000 homens, distribuidas por todas as provincias do imperio, que por isso se denominavão *legiões provinciaes*, e destas somente tres na Hespanha. A cada huma das legiões se costumavão ajuntar como auxiliares oito ou nove cohortes, cada huma das quaes constava de 1:000 soldados, tirados talvez das nações sobjugadas. Podião pois existir regularmente na Hespanha 36 até 40:000 Romanos, numero que quasi nenhuma influencia podia ter na linguagem. Os Officiaes civís do imperio não podião dar a este numero consideravel augmento com respeito ao ponto que aqui tratâmos.

(15) Alêm da natural aversão que todos os povos tem a hum povo conquistador, que pretende despojalos da sua liberdade, da sua independencia, e dos seus bens; e alêm da longa experiencia que os Hespanhôes e Lusitanos tinhão adquirido do caracter, e dos procedimentos, ás vezes feroces, ás vezes atrozmente perfidos, e sempre avaros dos pretores, proconsules, questores, e mais officiaes Romanos; sabemos positivamente pela Historia, que ainda depois dos mimos de Cesar e Augusto, tiverão os Hespanhoes e Lusitanos muitos motivos, e alguma occasião de manifestar quam pouco amavão os seus hospedes.

era superflua e inutil a respeito do mui limitado circulo de seus conhecimentos, relações e necessidades? (16).

Esses mesmos Romanos, depois de vencidos e expulsos os Carthaginezes, se forão asenhoreando das Hespanhas, e finalmente em tempo de Augusto Cesar chegárão a vencer a longa e obstinada resistencia dos povos Asturianos e Cantabros, e a trazelos ao seu dominio. Des de então ficárão esses povos na pacifica obediencia do imperio. Nas suas terras se consagrou a Augusto o famoso monumento das *Aras Sestianas*, mencionado por Mela, Ptolomeo, e Plinio. Augusto, sempre receoso do espirito de liberdade, que tanto lhe havia custado a reprimir naquelles povos, nomeou a P. Carisio para presidir, como Prefeito, ás regiões que elles habitavão, e obrigou os que manejavão as armas a descer das montanhas e fixar a sua habitação nos lugares planos. Fez explorar e lavrar as ricas minas de ouro, e de outros metaes, em que era fecundo o territorio. Destinou tres cohortes para seu presidio e guarnição, as quaes effectivamente se estabelecêrão ali depois da sua morte, e ja em tempo de Tiberio. Em fim achão-se por todas aquellas terras inscripções Romanas, e frequentes vestigios de obras e melhoramentos nas estradas publicas, nas pontes, e outros edificios. Estrabão, falan-

(16) Deve aqui notar-se, que posto que nas colonias ou municipios se usasse a lingua latina em todos os actos publicos do governo, e dado que muitos dos habitantes indigenas a aprendessem e usassem tambem, ou por dependencia e necessidade, ou por lisonja, ou por outro qualquer motivo, nem por isso d'ahi se conclue, que a mesma lingua passasse a ser verdadeiramente vulgar em todas as cidades e povoações, que gozavão daquelles privilegios; não só por ser impossivel que hum povo inteiro mude facilmente de linguagem, mas tambem porque sabemos que em muitas se não conseguio tal effeito. Corintho era colonia Romana, e não falava latim. Philippos era colonia *Italici juris*, e não falava latim. Carthago, Cesarea da Palestina, Creta, Tarso etc. erão colonias Romanas, e falavão o Grego, e não o latim etc.

lando dos Cantabros, diz delles o mesmo que tinha dito dos Turdetanos da Betica, e de alguns dos Lusitanos, isto he, que se fizerão politicos; que adoptárão a policia e civilisação Romana pela communicação e trato com os Romanos. *Verum* (diz este Geografo no liv. III.) *jam omnia bella sunt sublata. Nam Cantabros, iisque vicinos Caesar Augustus subegit... Et qui Augusto successit Tiberius, impositis in ea loca tribus cohortibus, quas Augustus destinaverat, non pacatos modo, sed et civiles quosdam eorum redegit.*

E não só os Asturianos e Cantabros viverão d'ahi em diante sujeitos ao imperio, senão que tambem se conservárão nessa sujeição, depois da entrada dos povos barbaros, até o anno 612 em que elRei Sisebuto os sobjugou, de maneira que se póde dizer com Vaseo (ao anno 714, e seguindo a Paul. Emil. *de reb. gest. Francor.*) que sendo aquelles povos os ultimos que se rendêrão ás armas Romanas, forão tambem os ultimos que desta sujeição se afastárão. *Qui mortalium ultimi in Romanorum potestatem veverant, et novissimi ab eis defecerunt.*

Comtudo estes povos nunca falárão a lingua latina, nem o seu idioma he derivado do latino, nem tem com elle parentesco ou affinidade alguma, como de todos he sabido.

Mas venhamos ja a tempos hum pouco mais modernos, e concluamos com elles esta parte do nosso assumpto.

He notorio que depois que os Arabes entrárão na Hespanha, e fixárão o seu dominio em muitas de suas provincias, e determinadamente depois que começárão a estabelecer escolas, e a cultivar a poesia, a litteratura, e as sciencias, *se introduzio juntamente com elles* (são palavras do douto Andrés) (17) *o idioma Arabico, e dentro de pouco tem-*

(17) *Hist. de toda la Litterat.* cap. XI. da traducç. Castelhana. Madrid 1784, em 4.°

tempo o usárão as cidades sobjugadas, de tal modo que podião bem chamar-se duas as linguas vulgares dos Hespanhoes.

Alvaro Cordovês, que florecia pelo meio do seculo IX., se queixava ja então amargamente desta especie de fanatismo dos Hespanhoes; e chegou a affirmar que não havia de mil christãos hum, que soubesse escrever huma carta familiar, senão em Arabe; havendo innumeraveis, que não só cultivavão este idioma estranho, e nelle escrevião; mas até excedião os proprios Arabes na sua poesia. *Linguam propriam* (diz este escriptor) *nesciunt christiani, ita ut ex omni Christi collegio vix inveniatur unus, in milleno hominum numero, qui salutatorias fratri possit rationabiliter dirigere litteras: et reperitur absque numero multiplex turba, qui erudite chaldaicas verborum explicet pompas: ita ut metrice eruditiori ab ipsis gentibus carmine, et sublimiori pulchritudine finales clausulas, imius litterae coarctatione decorent* ... etc.

Terreros y Pando, na sua *Paleografia Hespanhola*, confirma a justiça deste queixume do Cordovês, dizendo, que naquella parte das Hespanhas, que ficou debaixo do imperio dos Mouros, se fizera vulgar a lingua Arabe, esquecida a Latina, *propria* (diz elle) *da nação e da religião, como lamenta em suas obras o martyr S. Eulogio, eleito Arcebispo de Toledo.* E acrescenta pouco depois, que ainda no seculo XII., e até o meio do seculo XIII., a maior parte das escripturas de Toledo se outorgavão em lingua Arabe, sem exceptuar as que erão celebradas á vista, e em presença dos Reis catholicos: Que no arquivo d'aquella Igreja se conservão muitos documentos em Arabe, cujo numero acaso chega a dous mil: Que no convento de religiosas Cistersienses de S. Clemente se guardão mais de quinhentos: e finalmente que de todos elles a menor parte he de Mouros, e a maior de Christãos, de religiosas, de clerigos, e até dos proprios arcebispos: o que mostra bem claramente quam vulgar se havia tornado entre

tre os Hespanhoes o idioma Arabe, e isto por mais de tres seculos inteiros.

Comtudo o resultado deste tão extenso, e tão dilatado uso, auxiliado da communicação continua com os Mahumetanos, da frequencia das suas escolas, do trato de negocios civis e domesticos, etc., não foi outro mais que ficarem entre os Hespanhoes muitos vocabulos, frases, idiotismos, e modos de falar Arabes, os quaes alterárão até certo ponto, mas não extinguírão o seu idioma natural, nem mudárão o seu genio e indole, nem finalmente transformárão os seus essenciaes e distinctivos caracteres.

E não se alleguem contra este nosso argumento algumas razões de differença que se encontrão, tanto na situação politica dos povos Arabes e Romanos ácerca dos Hespanhoes, como no caracter e indole dos respectivos idiomas: por quanto, dado que algumas dessas differenças pareção menos favoraveis á nossa opinião, outras circunstancias ha, que a fazem de mais forçosa consequencia, visto que os Arabes e Mouros não só dominárão por muito mais tempo que os Romanos algumas provincias das Hespanhas, e conviverão em muito maior numero com os seus naturaes, renovando a cada passo a povoação Mahumetana com innumeraveis familias Africanas; mas alêm disso fundárão na Peninsula famosissimas escolas; cultivárão todo o genero de sciencias, artes, e boas letras; traduzirão e commentárão muitas obras dos escriptores Gregos; e derramárão por toda a parte os seus escriptos: circunstancias estas, em que forão mui superiores aos Romanos, com respeito á influencia que ellas devião ter sobre a cultura litteraria dos Hespanhoes, e consequentemente sobre a alteração do seu idioma nacional.

A este argumento tirado da dominação dos Arabes, podemos acrescentar ainda outro, ao nosso parecer, não menos concludente, e vem a ser o que nos subministrão os povos Cantabros, Cataláes, Valencianos, Andaluzes, Gallegos etc., que fazendo ha muitos seculos parte dos

do-

dominios Hespanhoes, sendo sujeitos ao mesmo governo, e ao mesmo systema de leis geraes, e tendo com os Castelhanos frequentissima communicação, alliança pacifica, e unidade de interesses communs, nem por isso tem deixado as suas linguas originarias, ou os seus dialectos, para tomarem o idioma Castelhano, não obstante ser este mui familiar entre elles, falado geralmente pelas pessoas polidas e cortezãas, empregado quasi exclusivamente nas obras litterarias, e usado nas ordens, diplomas, e leis, que emanão do governo. O que deve causar tanto maior admiração, e dar tanto mais força ao nosso raciocinio, quanto são notorias as analogias de quasi todos aquelles idiomas com o Castelhano, grande a semelhança do seu genio e organisação mecanica, e consequentemente facil (se fosse possivel) o transformarem-se em hum só, uniforme, e identico (18).

Por

(18) Aldrete *Del orig. de la leng. Castellan.* lib. I. cap. XV. « *en Cataluña* (diz) *i mas en el reino de Valencia todos los sermones se hazen en romance* (castelhano) *el qual saben, o hablan todas las personas, que son de alguna suerte, si bien la gente ordinaria usa de la suia natural Catalana, diversa de la nuestra: en las quales partes, si se mira con attencion, se verá el uso de dos lenguas juntas*, etc. » O mesmo se póde dizer dos outros dialectos das Hespanhas. O erudito e judicioso fidalgo D. Francisco Manoel no *Ecco Politico*, impresso em Lisboa em 1645, diz assim « A separação da lingua não parece que está no arbitrio dos Principes; porque as palavras são expressões do espirito, e este não he governado nem dominado por elles. Os subditos de Castella conservão as suas linguas. Gallegos, Asturianos, Biscainhos, Guipuscoanos, e Alabezes todos conservão seus idiomas naturaes. O mesmo succede em Navarra, aonde poucos plebeos entendem, ou falão o romance. Valencia e Catalunha usão ainda a lingua Limosina, com mais ou menos corrupção. Aragão sempre falou o antigo Castelhano. Os de Maiorca quasi o não entendem. Napoles nunca deixou a sua lingua pela Castelhana. Sicilia, o mesmo. O Condado de Flandres, herança de Castella, desde Maximiliano pai do primeiro Felipe, e tratando os Flamengos aos Hespanhoes como irmãos por mais de 150 annos de companhia, governados por elles, e assistidos quasi sempre de Principes nascidos em Hespanha, nunca foi possi-

Por onde se vê quam difficil seja introduzir em hum povo numeroso a total mudança da linguagem, ou ainda

» vel que adoptassem a lingua e traje hespanhol, usando os Hespa-» nhoes talvez de industria e de poder para este fim, mas em vão» E continuando logo o douto escriptor a falar de nós os Portuguezes, acrescenta *que não ha em Hespanha nação que tenha menos conhecimento da lingua Castelhana do que a nossa*, e que alguns que no tempo do captiveiro adoptárão alguns usos e trajes hespanhoes, causavão escandalo, e descontentavão os Portuguezes prudentes etc. E já que tocámos esta materia, seja-nos permittido notar ainda mais, em confirmação do que temos escripto: 1.° Que a antiga lingua nacional da menor-Bretanha, abandonada por todos aquelles que querião agradar ao senhor Normando, ou ao Suzerano Francez, se conservou todavia com mui pouca corrupção entre a gente vulgar, e os aldeões, através dos seculos, *com a tenacidade de memoria e de vontade, que he propria dos povos de origem Celtica* (Aug. Thierry, *Histoir. de la conquête de l'Anglct. par les Normands*, liv. VIII.) 2.° Que hoje mesmo, sendo a Bretanha provincia de França ha tres seculos, o povo das aldêas conserva a sua lingua Celtica, e com ella a sua antiga ignorancia, os seus costumes grosseiros, e as suas preoccupações. 3.° Que a lingua Franceza dominou 400 annos em Inglaterra, sem poder naturalizar-se. 4.° Que a Alsacia faz parte da França dés de o reinado de Luiz XIV., e sem embargo de terem ja decorrido seis gerações, a lingua Allemã he ainda predominante nas cidades, e nas aldêas. 5.° Que a Normandia he Franceza des de Carlos VII., e comtudo a linguagem de huma boa parte desta região he totalmente inintelligivel para Francezes, etc. O douto Dupin, no seu *Trat. das forças productivas e commerciaes da França*, reflectindo que ha no seio desta nação muitos dialectos disparatados, e grosseiros, que desfigurão mais ou menos a linguagem nacional, e falando em especial das escolas primarias do Languedoc, diz: *he para lamentar, que os Governos, que se tem succedido em França ha dés seculos, hajão permittido, por incuria sua, que os povos falem dialectos disparatados, com o gravissimo inconveniente de fazerem inuteis para muita gente os escriptos que se publicão para instrucção de todos.* Nós porêm, respeitando muito as luzes deste sabio escriptor, apartamo-nos aqui da sua opinião, e temos por certo, que a continuação dos dialectos de que elle se queixa, não he devida em França (nem em outra qualquer nação) á incuria dos Governos, mas sim á necessidade fysica e moral das cousas e dos povos: e que todas as leis ou regulamentos que os Governos fizessem para tornar perfeitamente uniforme a linguagem, não produzirião mais effeito do que tem produzido dés seculos de communicação e tracto continuo com a França civilisada, polida, e sábia.

alterar as suas fórmas caracteristicas, as quaes de tal modo dependem dos habitos contrahidos na primeira infancia, e da maneira de vêr, conceber, e arranjar o pensamento, que não he possivel serem substancialmente alteradas ou mudadas por qualquer causa ou força estranha, por mais energica que ella se supponha. E aqui temos, quasi insensivelmente, indicado outro fundamento da opinião que intentamos estabelecer.

He actualmente reconhecida por todos os filosofos a intima e essencial ligação, que tem a linguagem com o pensamento, e a fórma externa do discurso com o quadro interno das idêas, de que elle he a expressão.

Por este simples principio se deixa entender, que hum povo, huma nação inteira, não póde mudar de huma para outra linguagem, maiormente se ellas tiverem differente genio, indole, e caracter, sem que primeiro se faça hum total e substancial transtorno e transformação em suas idéas e sentimentos; em seu modo de aprehender, comparar, e ligar os objectos do discurso; e finalmente quasi que em todo o seu caracter intellectual e moral. E esta he, sem duvida, outra razão mui forte, pela qual nos parece impossivel, não só difficil, a mudança total da linguagem antiga Portugueza para a Latina, ou (o que vem a ser o mesmo) o total esquecimento e abandono da primeira para adoptar a segunda.

He mui visivel a differença que ha entre o caracter e indole da lingua Portugueza e o da Latina: e parece-nos, que o não se ter dado sufficiente attenção a este objecto, tem sido a principal causa de se vulgarisar tanto a errada opinião, que inconsideradamente se concebêra, da inteira e total analogia destes dous idiomas, e da consequente dependencia de hum a respeito do outro.

Pareceo aos nossos escriptores que a lingua Portugueza devia de ser mais moderna que a Latina; porque conhecião muitas obras da antiga litteratura Romana, e muitos documentos escriptos em latim, e nada vião escri-

pto

pto em Portuguez. Achárão no idioma nacional grande numero de vocabulos, effectivamente tomados do latim, e muitos outros que se reputavão taes, e como taes se representavão a quem não conhecia os verdadeiros principios da arte etymologica, a natureza original dos sons e articulações communs a todas as linguas, e a analogia que em todas ellas se observa, relativamente aos simplices e pouco numerosos vocabulos, ou raizes, que constituem o seu fundo e primitivo cabedal. Ignoravão, pela maior parte, as linguas dos outros povos, cujo conhecimento e comparação os poderia melhor guiar em suas indagações; e não davão a devida attenção a muitos vocabulos proprios da lingua Portugueza, que se encontrão nos nossos mais antigos documentos, e ainda no latim barbaro dos seculos precedentes á Monarquia, e que não podendo de maneira alguma derivar-se do latim, naturalmente os conduzirião a buscar em outra parte as origens da lingua materna. Finalmente (seja-nos permittido dize-lo) deixárão-se por ventura levar de huma especie de admiração e respeito supersticioso para com os Romanos, e talvez assentárão, que era glorioso á lingua Portugueza tirar a sua origem de hum povo, que sobjugára tantos outros, e que em toda a parte fizera temidas as suas armas, e obedecidas as suas leis. E dominados destas preoccupações, e faltos, por outra parte, dos verdadeiros conhecimentos da origem, natureza, e relações das linguas, adoptárão a opinião, que mais parecia lisongear a vaidade nacional, sem fazerem a devida reflexão sobre o genio e indole de cada hum dos dous idiomas, e sem advertirem que a sua total diversidade neste ponto se oppunha invencivelmente á presupposta filiação.

Não se deve procurar este genio das linguas, nem por consequencia a sua filiação e parentesco, nos particulares vocabulos de cada huma, considerados separadamente, e sem a fórma, ordem, ligação, e emprego, que os faz servir á pintura e expressão do pensamento. Se por

hum tal principio houvessemos de indagar a filiação da lingua Portugueza, nos veriamos extremamente perplexos para determinar a sua chamada matriz; e por ultimo seriamos obrigados a dividir por muitos outros idiomas esta honrosa qualidade. O Grego sahiria com suas pretenções. O Fenicio, o Arabe, o Oriental allegarião tambem alguns direitos; e não faltaria nas proprias linguas da Europa moderna quem sustentasse ter parte na divisão.

De outro modo pois se deve proceder nesta materia: de outro modo se deve julgar do genio das linguas, que he o que constitue a mais essencial differença que entre ellas ha: a saber, pela sua estructura e construcção; pela ordem e ligação com que ellas dispõem os seus vocabulos, a fim de fazerem mais clara e mais energica a imagem do pensamento; pelas differentes fórmas grammaticaes, com que modificão os mesmos vocabulos; e pelo emprego e lugar, que lhes dão no discurso, aptificando-os assim para bem desempenharem aquella pintura e expressão. Nisto he que verdadeiramente consiste a indole e caracter dos varios idiomas: nisto consiste aquelle *pensar* proprio de cada hum delles; e por este caminho se devem indagar as relações do seu mais proximo, ou mais remoto parentesco, considerando-os aliás a todos, como derivados de hum só e unico primitivo, ainda que tão admiravelmente variado.

Não são os vocabulos (diz a este respeito Mr. Girard) que as linguas tomão humas das outras, nem as etymologias, que nos hão de dar a conhecer a origem e o parentesco dos idiomas; mas sim o genio e caracter de cada hum. A fortuna, que gozão as palavras novas, e a facilidade, com que as de huma lingua passão a outra, maiormente quando os povos se misturão, são cousas que a cada passo nos enganão sobre este objecto; ao mesmo tempo que *o genio, sendo independente dos orgãos, e por isso mesmo menos susceptivel de alterações, e mudanças,* se mantêm

no

no meio da inconstancia dos vocabulos, e conserva ao idioma o verdadeiro e o mais authentico titulo da sua origem.

Comparando ora debaixo deste aspecto a lingua Portugueza com a Latina, quem não vê as muitas e grandes differenças, que ha entra estes dous idiomas?

O primeiro não tem (senão sómente em alguns pronomes) aquellas variadas fórmas terminativas, a que os grammaticos Latinos chamão *casos*, e pelas quaes exprimem, bem como os Gregos, em hum só, e o mesmo vocabulo, varias, e differentes relações da mesma idêa. Carece, por consequencia, tambem da ampla liberdade, de que a lingua Latina usa na sua construcção; e não póde gozar da maior parte das inapreciaveis vantagens, que resultão desta liberdade, para variar o quadro do pensamento, sem dispendio da sua clareza e precisão analytica; para dar mais facilidade á expressão do sentimento, e á combinação harmonica das vozes; emfim para fazer o discurso mais pictoresco, e mais energico.

Nem se alleguem contra isto as inversões, de que tambem usamos na nossa lingua: por quanto, alêm de ser esta liberdade muito mais restricta em Portuguez, he certo, que os nossos escriptores, principalmente dos sec. XIV. XV. e XVI., a tomárão da lingua Latina, talvez com algum excesso, quando persuadidos de ser ella a matriz da Portugueza, entrárão no empenho de a transportar toda inteira para entre nós, cahindo por esta causa em notaveis defeitos, que o melhor conhecimento da arte de escrever tem corrigido, e deve ainda corrigir: sendo por outra parte fóra de duvida, que nos tempos mais remotos, em que se quer suppôr nascida a nossa lingua vulgar, tão longe estavão os Portuguezes de seguir a ordem da construcção latina, que antes pelo contrario, o que mais frequentemente se observa nos documentos dessas idades he, que senhoreados os escriptores do genio e indole particular do seu natural idioma, pretendêrão tra-

trazer, ou trouxerão o latim á construcção directa, escrevendo por estes, e por outros semelhantes motivos, em huma linguagem, que nem se podia chamar Latina, nem tambem era Portugueza.

Outra differença não menos essencial dos dous idiomas consiste no uso que cada hum delles faz dos *verbos*, especie de vocabulos, que constituem huma grande parte da massa (digamos assim) das linguas, e que tanta influencia tem na sua construcção, e no seu genio.

Não he aqui lugar opportuno para entrar em longas e miudas analyses grammaticaes: mas indicaremos somente entre estas differenças algumas mais notaveis, e que mais obvias se offerecem a quem reflecte, ainda levemente, sobre o mecanismo destas duas linguas.

1.° Tem os Latinos as vozes passivas dos verbos, formadas das proprias vozes activas, modificadas com diversas terminações. Os Portuguezes carecem totalmente destas particulares fórmas, não lhes tendo ficado da sua tão decantada filiação nem hum só vestigio dellas; e vêem-se obrigados a formar as vozes passivas por meio de verbos auxiliares acompanhados de hum adjectivo verbal que determina a sua significação especifica (19).

2.° Os verbos auxiliares, que sendo empregados na for-

(19) Parece-nos pouco acerto dizer absolutamente (como dizem alguns dos nossos Grammaticos) que a lingua Portugueza *não tem vozes passivas*. Não as tem, he verdade, á maneira dos Gregos, e dos Romanos: mas será por ventura hum defeito, huma irregularidade, ou hum erro na Grammatica Portugueza tudo aquillo, em que ella se desviar das leis da Grammatica Latina, ou Grega? A Grammatica universal filosofica nos diz que a todo o verbo *activo* corresponde necessariamente hum *passivo*. Assim, as linguas que tiverem o primeiro, hão de forçosamente ter o segundo, de qualquer modo, e com qualquer fórma que elle se enuncie. Por outra parte os que negão á lingua Portugueza as vozes passivas, se quizerem ser consequentes, devem dizer, que *amatus sum*, *amatus fui* etc. não são vozes passivas do verbo Latino *amo*: o que nos parece que elles não quererão confessar.

formação das vozes passivas, parece privarem a lingua Portugueza da concisão dos passivos Latinos, lhe dão aliás em outros casos a grande vantagem da variedade, e a outra ainda maior, e commum ás vozes activas e passivas, de augmentarem consideravelmente o numero das variações temporaes, distinguindo não só o tempo presente, preterito, e futuro, mas até periodos inteiros, que abrangem hum certo espaço de tempo, e dentro desses periodos as relações differentes que podem ter os objectos, de que falamos. Assim, por exemplo, em lugar da fórma latina *lego*, nós podemos dizer *leio*, *estou lendo*, *ando a ler*, *venho de ler*, etc. que não se referem sómente ao preciso momento actual presente; mas a hum certo espaço, ou periodo de tempo, que consideramos como presente, e dentro do qual executamos a acção de *ler*.

3.° Tem os Portuguezes, entre os verbos auxiliares, o verbo *estar* com huma significação, de que totalmente carecem os Latinos, e que nos parece merecer particular reflexão, pelo mui extenso e filosofico uso, que se lhe dá na lingua Portugueza. Nós, por certo, não duvidariamos denomina-lo, de algum modo, hum como segundo *verbo substantivo*: por quanto, se elle não significa precisa e absolutamente a *coexistencia* das duas idêas da proposição, exprime comtudo essa coexistencia no *estado* actual do sujeito, e distingue por este modo o que lhe he essencial, ou habitual d'aquillo que só lhe convêm na actualidade. Assim, estas duas proposições „ *Pedro he doente* „ *Pedro está doente* „ cujo sentido em Portuguez he tão differente e tão claramente exprimido, se as quizermos passar ao Latim com igual simplicidade, deixaremos o sentido ambiguo, e não mostraremos, sem dependencia das circunstancias do discurso, a grande differença que ha entre os dous pensamentos na consideração metafysica.

4.° He tambem digno de se notar o idiotismo particularissimo, com que a lingua Portugueza dá á fórma dos verbos no infinitivo as inflexões proprias e caracteristi-

sticas das pessoas e dos numeros, fazendo v. g. do infinitivo *ser* as fórmas pessoaes e numericas *seres*, *sermos*, *serem* etc. as quaes (diz hum douto Grammatico) *dão á nossa lingua sobre as outras, a grande vantagem de evitar na expressão muitos equivocos, e faze-la mais breve e corrente, desembaraçando-a da necessidade de repetir a cada passo o sujeito da oração infinita, quando não he determinado pelo verbo da oração finita*, etc.

Mas deixadas ja estas differenças, e omittidas muitas outras, que assás mostrão que a lingua Portugueza não teve por modelo a Latina na formação dos seus verbos, isto he, deste copiosissimo genero de vocabulos, que entrão, como dissemos, por toda a massa da linguagem, que animão o pensamento, e dão ser e vida ao discurso, e que determinão por isso mesmo, em grande parte, o genio e o caracter das linguas: e vindo á consideração de outras differenças geraes, que se achão entre os dous idiomas: Quem não admirará que sendo a lingua Portugueza *filha primogenita* (como se quer suppôr) da Latina, não herdasse della huma só das fórmas, ou terminações em *ter* dos adverbios Latinos, adoptando em lugar dellas a terminação *mente*, que por erro etymologico se tem pretendido derivar do ablativo latino de *mens*?

Como se póde comprehender que não passassem do Latim ao Portuguez as fórmas comparativas em *or*, de que só temos o pequenissimo numero de tres, ou quatro, nem as superlativas, ou ampliativas em *issimo*, tão frequentes no latim, e de que a nossa lingua totalmente careceo no supposto principio da sua formação, e ainda muitos seculos depois, adoptando-as tamsómente no seculo XV. quando começou a querer nobilitar-se com aquelle honrado parentesco? — Que a lingua Portugueza enjeitasse igualmente quasi todas as terminações diminutivas e augmentativas dos vocabulos latinos, amando aliás tanto estas bellas fórmas, de que adquirio, quasi com injuria da pobreza materna, tanta riqueza e variedade? — Que

tam-

tambem enjeitasse desdenhosamente tantos destes (digamos assim) miudos vocabulos, a que chamamos particulas, os quaes sendo destinados a ligar entre si as differentes partes do discurso, e consequentemente as differentes idêas de que elle se compõe, produzem o maior effeito sobre o quadro do pensamento, e lhe dão energia, calor, graça, e unidade (20).

Como poderemos explicar o grande numero de idiotismos, isto he, de frases particularissimas á lingua Portugueza, e outro numero não menor de adagios, annexins, ou rifões, usados principalmente na linguagem do vulgo, os quaes não só não vierão do Latim, mas nem ainda se podem traduzir neste idioma, senão abandonando o sentido litteral, e recorrendo a outras frases, que debaixo de mui differentes termos exprimem hum sentido equivalente?

Como he em fim possivel, que a lingua Portugueza, esta filha orgulhosa, fosse buscar na imitação das melhores linguas da antiguidade os artigos indicativos *o*, *a*, *os*, *as*, que tão necessarios são para tirar os nomes communs da sua significação vaga e indefinida, e quizesse ostentar por este modo, na clareza e precisão do discurso, huma decidida superioridade a respeito da lingua mãi, aonde estes importantissimos vocabulos são quasi de todo desconhecidos, e aonde a sua falta dá occasião a muitas ambiguidades, e talvez a gravissimos equivocos?...

Não acabariamos, se quizessemos notar todas as differenças, que os dous idiomas tem entre si, não em hum, ou outro vocabulo, mas em classes, e familias inteiras de vocabulos, e nas notas e fórmas caracteristicas, que os

(20) O mais ligeiro, e superficial exame do nosso idioma he sufficiente para mostrar quantos desses vocabulos latinos enjeitou a lingua Portugueza, conservando os seus proprios, que ja tinha, ou adoptando outros, que certamente lhe não vierão do Latim.

distinguem conforme os seus differentes empregos. De maneira que examinando-se attentamente, e sem antecipada opinião, o processo das duas linguas, assim na organisação do discurso, e construcção das differentes partes que o compõem, como na invenção das fórmas essenciaes de varias classes de vocabulos, nos veremos na forçosa necessidade de reconhecer a differente marcha de cada huma dellas, e o seu differente genio e indole; e de confessar, que a supposta identidade sómente se verifica em hum certo numero de vocabulos ou de fórmas, que a lingua Portugueza tomou da Latina.

Cumpre porêm aqui advertir, que esses mesmos vocabulos, effectivamente vindos do latim, nem são tantos em numero como se suppõe, nem servem todos para demonstrar a supposta filiação.

Não são tantos em numero, como vulgarmente se suppõe. E primeiramente, devem riscar-se desse numero aquelles, a que os Grammaticos dão o nome de *interjeições*: por quanto sendo elles o producto necessario das relações, que a natureza estabeleceo entre certas affeições, e sentimentos da alma, e certos movimentos dos orgãos da voz, forçosamente se hão de achar, em grande parte, identicos, e invariaveis em quaesquer idiomas, assim como he identica e invariavel em todos os homens a constituição fysica do orgão da palavra, e a relação natural do sentimento com a sua involuntaria expressão. Pelo que mui erradamente se dirião derivadas do latim as vozes, *ah*, *oh*, *ai*, *guai*, *ui*, *hem*, *eia*, *ta*, *sus*, etc. etc., e outras da mesma natureza, por mais que analogas, ou identicas sejão em som e articulação com as vozes latinas, que exprimem semelhantes sentimentos.

Igualmente se devem tirar do numero dos vocabulos derivados do latim todos os que são formados por onomatopêa, isto he, todos aquelles que forão originariamente imitativos dos sons, ou das outras qualidades sensiveis dos objectos. E na verdade, que necessidade teria a lingua

gua Portugueza de hir buscar á Latina, ou a qualquer outra os vocabulos *arrulho*, *assobio*, *bochechudo*, *borbulhão*, *bufar*, *cacarejar*, *gargarejar*, *gargalhada*, *grasnar*, *huivar*, *grunhir*, *guincho*, *murmurio*, *pipiar*, *trovão*, *tartamudo*, *bambalear*, *poupa*, *chocalho*, e infinitos outros, que a propria natureza ensina a inventar, e formar, e que de nenhum modo se podem dizer derivados deste ou d'aquelle idioma, pois são, com pequenas differenças, communs a todos, ou a muitos delles?

A esta grande classe das onomatopêas se pode ajuntar a outra numerosissima familia dos vocabulos, que compõem (por assim nos explicarmos) o diccionario da infancia: os quaes sendo todos formados de articulações labiaes, sem dependencia de qualquer convenção humana, e seguindo tamsómente a conformação natural dos orgãos da palavra, e a maior facilidade do seu movimento, são communs a muitas linguas; são necessariamente identicos, ou semelhantes, tanto como indispensaveis; e não admittem (como bem adverte o douto autor do *Mecanismo da linguagem*) derivação alguma de huma para outra lingua. Taes são, por exemplo, os vocabulos *pai* e *mãi*, que os nossos escriptores quizerão em vão tirar da sua nativa simplicidade para lhes darem a fórma Latina *padre* e *madre*; mas que a despeito da innovação systematica, voltárão ao estado, provavelmente primitivo, deixando as fórmas latinas á linguagem ecclesiastica, aonde ainda se conservão (21). Taes são tambem *amo*, *ama*, *baba*, *boca*,

(21) Os nossos etymologistas antigos, que de ordinario mui pouco vião acima do Latim, não deixão de derivar do Latim *pater* e *mater* os vocabulos Portuguezes *pai* e *mãi*. Mas por ventura não terião os Lusitanos palavras, com que exprimir taes idêas, antes de conversarem os Romanos? e se as tinhão, porque razão hirião buscar outras ao Latim? Os Gregos, que muito tempo antes dos Romanos havião entrado no nosso territorio, dizião πατις e ματις (no dialecto Dorico), ou μητις. Delles parece que tomárão os proprios Romanos

babão, *beijo*, *bico*, *boneca*, *bumbum*, *mano*, *minino*, *mimo*, *moço*, *mamma*, *meigo*, *nanar*, *papa*, *teta*, e infinitos outros semelhantes, e os que delles nascem por derivação, e composição.

Não menos se devem diminuir do grande numero de palavras, que se dizem derivadas do latim, todas aquellas que tem no Portuguez huma raiz, d'onde facilmente podião ser trazidas pelo natural artificio do idioma. Assim, por exemplo, ainda que se possa dizer, e se diga, que *doar* e *donativo* são tomados do latim *donum*, *donare*, *dono*, etc. he certo comtudo, que existindo no Portuguez a raiz ou vocabulo primitivo *dum*, e *dom*, que em varias linguas tem dado origem a mui extensas familias, nas quaes todas sobresahe a idêa de *elevação*, *grandeza*, *superioridade*, etc.; della poderiamos naturalmente formar, sem soccorro algum do latim, aquelles dous vocabulos, assim como formamos os prenomes *dom*, ou *dum*, e *dona*, ou *duna*, e os vocabulos *donzel*, *donzella*, *dôno*, *donoso*, *donairoso*,

---

a terminação destes vocabulos sem alteração alguma. Grande parte dos povos antigos e modernos, tanto orientaes, como occidentaes exprimião, e exprimem as mesmas idêas por vocabulos, que na verdade differem em alguns accidentes, mas que todos são formados sobre as articulações primitivas e fundamentaes *ba*, *fa*, *ma*, *pa*, etc. (Veja-se o *Diccionair. raisonné des onomatopées Françaises par Charles Nodier*, Paris, 1808, *Préface*, pag. XXI. e segg.) Os Portuguezes conservão a mesma raiz primitiva, adoçando hum pouco mais com o diphtongo a sua pronunciação. Se os vocabulos Portuguezes pois tem huma tão obvia, e tão facil analogia com as linguas mais antigas, e recusárão as terminações em *ter*, proprias de Gregos e Romanos, porque razão os hiremos agora buscar ao Grego ou Latim, e os não derivaremos antes das linguas Orientaes, ou das do Norte, ou em fim da lingua primitiva, que a todas ellas subministrou o typo original destes vocabulos? A razão não póde ser outra senão a que ja dissemos: *porque nada se via acima do Latim.* O Latim era o *non plus ultra* dos etymologistas. Da mesma sorte se póde discorrer ácerca de infinitos outros vocabulos, que se tem julgado derivados do Latim, e que sendo por ventura irmãos em ambos os idiomas, tem comtudo a sua verdadeira origem em outro mais antigo que elles.

so, *doairo*, *dunas*, *damo*, *dama*, *damice*, *damejar*, *adamado*, etc. os quaes por certo ninguem dirá tomados do latim, salvo se por huma etymologia e derivação inversa, quizermos dizer, v. g. que *donzel* e *donzella* vem do latim barbaro *domicellus* e *domicella*, quando este latim, pelo contrario, he que foi formado dos primeiros, e para os exprimir.

Pertence aqui notar ainda, que quando se quer avaliar ao justo o *numero* de vocabulos, que nos vierão do latim, se não devem meter nessa conta os muitos, que a lingua Portugueza pelo seu admiravel e fecundissimo artificio talvez derivou e compoz de hum só, ou de poucos vocabulos latinos. Assim, v. g., aindaque o Portuguez tomasse do latim o vocabulo *pedra*, nem por isso se devem (para o nosso caso) contar como trazidos do mesmo idioma os quarenta, ou mais vocabulos, que daquelle unico formamos por derivação, e composição, e que não existem no latim, taes como *pedregulho*, *pedraria*, *pedrisco*, *pedraça*, *empedrar*, *empedernido*, etc. etc.

Ha finalmente ainda outros muitos vocabulos, que se devem tirar da lista dos derivados do latim, e são 1.° os que nós e os Latinos tomámos da lingua Grega, e ficárão sendo communs aos tres idiomas. 2.° Os que sendo proprios da antiga lingua Lusitana, ou da Hespanhola, ou da Gauleza, ou em fim da Celtica, lingua geral da Europa occidental e meridional, passárão ao Latim, e forão ultimamente augmentar a lingua Romana, quando Lusitanos, Hespanhoes ou Gaulezes começárão a ter tracto com os Romanos, ou militárão debaixo de suas bandeiras, ou contra ellas.

Dos Gregos não podemos duvidar, que aportando a nossas praias em tempos antiquissimos, fundando na Lusitania e Galliza, e em outras partes das Hespanhas algumas colonias, e estabelecendo outras nas provincias da França nossas comarcãas, nos communicassem vocabulos, fórmas, e usos da sua lingua. Poderião fazer-se longos ca-

ta-

talogos de palavras communs á lingua Grega, Latina, e Portugueza, e de outras muitas que nos vierão do Grego e não existem no Latim, taes como por exemplo *acalantar*, *ache*, *afouto*, *anafado*, *badulaque*, *bala*, *blasmo*, *bodega*, *boleo*, *cabidela*, *caco*, *calaça*, *esquerdo*, *léria*, *talo*, *tio*, *moca* etc. etc. (22). As nossas Grammaticas mostrão, por outra parte, os numerosos usos e idiotismos Gregos, que se achão no Portuguez, e até a propria pronunciação do *b* por *v*, que se tem conservado tenazmente nos povos da provincia do Minho, bem como nos da Galliza, e das provincias meridionaes da França, parece indicar hum resto da pronunciação Grega, que desconhecia a articulação do nosso *v* consoante.

Pelo que toca porêm aos vocabulos, que os Romanos tomárão dos Hespanhoes, Gaulezes, e mais povos, com quem tiverão communicação, dá-nos boa prova disso Deniz de Halicarnasso (*Antiq. Rom.* Lib. I.), o qual mencionando as varias nações, de cujos idiomas se foi pouco a pouco enriquecendo a lingua Romana, se admira *eam non esse omnino barbaram redditam post receptos Opicos, Marsos, Samnites, Etruscos, Brutios, Ligures, et Hispanorum, Gallorumque multa millia, aliasque insuper gentes innumeras, vel ex Italia, et aliis locis advenas, lingua, et moribus dissonas* etc. E quaes fossem, em particular, as consequencias da mistura dos povos Hespanhoes com os Romanos o mostrão as muitas palavras, que dos primeiros passárão aos segundos, reconhecidas pelos proprios escriptores Lati-

(22) No Diccion. da lingua Portugueza de Moraes da 4.ª edição, vem mais de cinco mil artigos de vocabulos Gregos, e compostos ou derivados delles. Dos que não existem no Latim, e nos vierão immediatamente do Grego, ajuntou Rezende quasi quinhentos, como elle mesmo diz na sua Obra das *Antiguidades Lusitan.* Liv. I. E nós no nosso *Glossario Lusitano-Grego*, que algum dia poderá sahir á luz, temos recolhido cousa de quatro centos e cincoenta, e poderiamos ajuntar muitos mais, se tivessemos melhor conhecimento da lingua Grega.

tinos, e seus etymologistas. Taes forão as palavras *baluca*, *baro*, *betonica*, ou *vettonica*, *braca*, *carbasus*, *carrus*, *canthus*, *celia*, ou *ceria*, *cyma*, *falarica*, *gaesum*, *gurdus*, *lancea*, *mantile*, ou *mantelum*, *sagum*, *spatha*, *spartum*, *tomentum*, *ulex*, *urus*, *viscus*, *viria*, etc. aos quaes poderiamos acrescentar muitos outros, se tivessemos melhor conhecimento de nossas antiguidades, ou se os escriptores Romanos houvessem tractado mais amplamente, e de hum modo mais filosofico, das origens da sua propria linguagem.

Vê-se pois por tudo o que temos substanciado nos precedentes paragrafos, que não são tantos, como vulgarmente se presume, os vocabulos Portuguezes, que em rigor se possão ter como derivados do Latim. Mas nós dissemos, alêm disso, e agora repetimos, que muitos desses mesmos, que em realidade nos vierão d'aquelle idioma, *não servem para provar a supposta filiação*, e disto daremos brevemente o principal fundamento.

Consiste elle em que a maior parte desses vocabulos, sendo trazidos ao Portuguez muito depois da época, em que se suppõe haver o Latim sido vulgarmente usado em Portugal, podem com effeito mostrar alguma analogia entre ambos os idiomas, mas de nenhum modo a sua immediata filiação.

Todos sabem quanto os nossos primeiros escriptores, maiormente os do sec. XV. e XVI., trabalhárão em formar, enriquecer, e polir o idioma patrio, á custa (digamos assim) da lingua Latina, tomando della tudo quanto lhes foi possivel, e talvez mais do que permittia o differente processo e caracter dos dous idiomas. Se fosse necessario dar provas de huma cousa tão manifesta, bastaria lançar os olhos ás obras, que se escrevêrão em Portuguez, ou se traduzirão do Latim, principalmente desde o reinado de elRei D. João I. em diante.

Conhecião os nossos escriptores a grande pobreza, irregularidade, e rusticidade do idioma nacional, e estes de-

defeitos se tornavão cada dia mais sensiveis, á proporção, que se hião augmentando entre nós as necessidades e commodidades da vida, as relações dos cidadãos entre si e com os outros povos, os conhecimentos das sciencias, e artes, e em geral tudo aquillo, que constitue os multiplicados e variados objectos do tracto e conversação dos homens, quando elles não só vivem huma vida civil; mas tambem por suas circunstancias tendem ao aperfeiçoamento das instituições sociaes.

Nesta situação era forçoso soccorrerem-se a algum outro idioma, do qual, ou por sua riqueza e abundancia, ou por suas analogias com o idioma Portuguez, se podessem esperar mais promptos e copiosos recursos.

Nenhuma porêm das linguas modernas da Europa estava neste caso. As mais dellas nem fazião vantagem á Portugueza, nem estavão mais adiantadas que ella. A Italiana, que mais cedo começou a aperfeiçoar-se, apenas podia servir de exemplo, e indicar ás outras o caminho que ella mesma tinha seguido para o seu melhoramento. As linguas Orientaes, postoque mostrassem algumas raizes primitivas, identicas, nas quaes ainda agora achamos a verdadeira origem, e formal significação de muitos vocabulos nossos, tinhão comtudo seguido mui differente caminho em suas fórmas, e organisação, e alêm disso erão pela maior parte ignoradas. A Grega, que pelo uso dos artigos indicativos, pelo grande numero de diphthongos, pela feliz distribuição de vogaes sonoras, e por sua harmonia musical parecia approximar-se mais da indole da lingua Portugueza, não era ainda cultivada em nossas escolas, nem sabida de muitos escriptores nacionaes; e por outra parte as suas riquezas havião passado, até certo ponto, para a lingua Latina, que della derivára a sua regularidade e a sua maior formosura. Achavão-se emfim os Portuguezes familiarizados com o Latim, já porque neste idioma estavão escritos os documentos e leis antigas; já por ser a unica lingua que se empregava nos actos do cul-

to religioso; e já finalmente por se haverem compilado nella as leis canonicas e civis, que n'aquelle tempo constituião o principal objecto dos estudos publicos.

Assimque não foi difficil, antes era muito natural, inclinarem-se os nossos escriptores a demandar do Latim os subsidios necessarios para o aperfeiçoamento da linguagem patria, e isto com tanto mais ardor e empenho, quanto he certo, que a lingua Latina offerecia muitos pontos de contacto, e muitas analogias com a lingua Portugueza, tanto pela identidade de origem, e pela semelhança do caracter moral dos dous povos, como por outras algumas daquellas circunstancias, que mais costumão influir na organisação mecanica das linguas.

Mas o grande numero de palavras Latinas, que por este modo vierão enriquecer a lingua Portugueza (23) bem que mostrem algumas analogias entre os dous idiomas, não podem comtudo mostrar a pretendida filiação; assim como os muitos vocabulos, que igualmente adoptamos dos Italianos, Castelhanos, Francezes, etc. não podem mostrar que algum dos idiomas destes povos seja a origem do Portuguez; sendo certo que he cousa mui differente ser huma lingua filha de outra, e ter nascido della immedia-

(23) No tom. 4. das Memor. de Litterat. da Academ. pag. 37, aponta o douto Filologo Francisco Dias Gomes alguns seis centos vocabulos, *não existentes, ou ignorados, ou de mui raro uso na lingua Portugueza, até o principio de elRei D. Manoel,* os quaes, na maior parte são Latinos. Em outro lugar lembra alguns vocabulos e frases transportadas do latim ao Portuguez por Vieira. A Camões attribue Faria e Sousa cento e vinte palavras, todas Latinas, e por elle introduzidas na nossa lingua. Muitos outros escriptores nossos, de posteriores epocas, especialmente Arraez, Lucena, etc latinizão a cada passo. Se neste ponto extendessemos as nossas indagações, e analyses até o reinado de elRei D. Diniz, ou ainda até o primeiro seculo da nossa Monarquia, e quisessemos fazer lista dos vocabulos que progressivamente fomos tomando do Latim, ser-nos-hia necessario copiar huma boa parte dos nossos Diccionarios.

tamente, ou valer-se da sua abundancia para suprir a indigencia propria.

Acresce ainda mais, que muitos dos vocabulos, tomados immediatamente do Latim, pertencem á linguagem ecclesiastica, e muitos outros á da Jurisprudencia, e todos estes, constituindo hum como idioma universal na Europa, não podem provar a filiação de nenhuma lingua particular, da mesma sorte que a não provão v. g. os termos scientificos tomados do Grego, os termos musicos tomados do Italiano, os termos militares tomados do Allemão, Inglez, ou Francez, etc.

Assim que para se fazer alguma justa idêa dos vocabulos, que verdadeiramente nos ficárão da lingua Latina nos tempos em que os Romanos frequentárão, ou dominárão o nosso territorio, não temos outro mais certo e direito caminho, que examinar os mais antigos documentos Portuguezes dos seculos em que a lingua começou a figurar por si em publico, e a tomar alguma consistencia e regularidade, e ainda os documentos anteriores a essa época, e escriptos em Latim barbaro, nos quaes se achão a cada passo vocabulos da linguagem commum, que os notarios já mal sabião alatinar, e ás vezes deixavão com suas vulgares terminações e fórmas.

Mas este exame analytico he o que ainda se não fez, ou sómente se fez muito superficialmente, sobre principios errados, e o que he ainda peor, com o espirito preoccupado, e prevenido a favor do Latim.

Os nossos etymologistas deslumbrados da gloria dos Romanos; instruidos des de a infancia na lingua Latina, e sabendo que ella tinha reinado imperiosamente por quatro seculos nas Hespanhas; dominados aliás da antecipada opinião, não vião no Portuguez outra cousa mais que o Latim, e julgavão honrar muito os outros idiomas, o Celtico, o Grego, o Germanico, o Arabe, etc. attribuindo-lhes a origem de alguns poucos vocabulos, que de todo lhes não podião recusar.

Lan-

Lancem-se os olhos ás listas etymologicas de Duarte Nunes, de Faria e Sousa, de Madureira, e de outros escriptores Portuguezes, e se verá quam longe elles estavão do verdadeiro conhecimento das origens Portuguezas. Ali se achão vocabulos, que se dizem proprios nossos, e que manifestamente pertencem ao Latim, ou a outras linguas, ao mesmo passo que se dão por Latinos muitos, que só com mui forçada etymologia se podem lá hir entroncar. Huma letra, huma syllaba semelhante lhes bastava para decidirem da origem de hum vocabulo; e quando achavão algum, que era, ou parecia commum a differentes linguas, ignoravão o modo de investigar a sua verdadeira origem (24). Nem só os nossos escriptores cahírão nestes erros, antes os achamos igualmente entre os estrangeiros; e ainda hoje que estes estudos estão em maior adiantamento, encontramos em suas obras effeitos notaveis da prevenção do latinismo, quando com ella se entra no exame analytico das linguas (25).

Comtudo este exame analytico he, como hiamos dizendo, o unico meio de chegarmos ao conhecimento das origens da nossa linguagem, e de notarmos o que ella verdadeiramente tem do Latim. E estamos convencidos de que hum tal exame não só nos dará longas listas de vocabulos, que de nenhum modo nos vierão do Latim, mas ainda huma grande maioria em numero a respeito dos

(24) Faria e Sousa, por exemplo, deriva *alcatruz* (arabe) do latim *aquaeductus: bolsa* (Grego) de *bulga* ou *brisa: rebique* (arabe) de *rubrica: pagar* de *pacare: péla* de *puella: menagem* de *omagio* etc. etc. Ao mesmo tempo que suppõe proprios da lingua Portugueza *aucçam*, *ausentar*, *caldo*, *fructo*, *mandar*, *minuta*, *praga*, que todos são Latinos, e *açoutar*, *alcaçuz*, *algôz*, *jubão*, *garrafa*, que todos são arabes.

(25) Em Diccionarios da lingua *Romana*, ou do *Romance* antigo Francez, achámos derivados v. g. *busquer* (buscar) de *pulsare*: *cabresto* de *caput stringium*: *gabão* de *caput*: *cafre* de *caper*: *duélo* de *dolere*: *abrigar* de *arbor*: *escapar* de *ex*, e *sepire*: *gabella* de *vectigal*: *ganhar* de *vindicare*, ou de *vagina*: *lacaio* de *laqueator*, etc. etc.

que indubitavelmente são latinos: e isto sem embargo de se poder e dever presumir que os escriptores daquelles antigos documentos serião das pessoas, que n'esses tempos se julgavão mais instruidas no latim, e por isso mais propensas para empregarem as expressões deste idioma nos documentos que escrevião.

De tudo pois o que até agora temos ligeiramente tocado em prova da nossa opinião parece seguir-se: que a lingua Portugueza tem differente genio da Latina: que os vocabulos que nella ha, derivados immediatamente do Latim são muito menos em numero do que vulgarmente se suppõe: e que outros muitos, que effectivamente tem essa derivação, não provão a filiação pretendida, mas sómente algumas analogias (que não negamos) entre os dous idiomas.

Não havemos por necessario fazer agora aqui extensa menção e analyse dessas composições affectadas e ineptas (26), que se diz serem juntamente Latinas e Portuguezas, e das quaes muitos escriptores, aliás judiciosos, tem tirado argumento da presuppostа filiação. Diremos tamsómente, que taes composições nem são verdadeiro Latim, nem verdadeiro Portuguez; porque não tem o caracter, nem seguem as leis de hum, ou outro idioma: e o leitor, que disto quizer convencer-se, não tem mais que ler com attenção qualquer obra dos autores Portuguezes ou Latinos, e observar se por ventura encontra nelles, não diremos hum periodo inteiro, mas nem ainda huma só frase de alguma extensão, que se pareça com taes composições, ou siga a mesma marcha (27). Ellas não

(26) Achão-se estas composições em varios escriptores nossos. Basta consultar João Franco Barreto, na *Ortograf. da Ling. Portug.* cap. IV. Faria e Sousa, na *Europ. Portug.* tom. 3. part. 4. cap. IX. etc.

(27) Leão-se as doze centurias, que o nosso Amaro de Roboredo traz na sua *Porta de linguas* (Lisboa 1623 4.º) e se verá que de mil

não constão em realidade senão de certo numero de vocabulos, que são proprios de ambas as linguas, ou que em ambas tem semelhantes terminações, procurados de proposito, e postos em huma determinada combinação, fóra da qual desapparece a affectada identidade, e fica reduzida a nada a força do argumento. Ellas mostrão, que ha nos dous idiomas vocabulos e fórmas semelhantes; que ha algumas analogias em parte da sua organisação mecanica; em fim, que ha terminações identicas em algumas de suas vozes. Tudo o mais que de tal argumento se pretende deduzir, sómente prova ou a falta de conhecimento da verdadeira grammatica de ambas as linguas, e das suas mui differentes leis, ou a prevenção, com que semelhantes composições (que melhor poderiamos chamar jogos de palavras e frases) forão fabricadas por huns, e admiradas por outros, como provas da identidade dos dous idiomas Latino, e Portuguez (28).

Ul-

---

e dozentas sentenças breves, postas em latim e Portuguez, nem huma só ha, que se possa dizer com as mesmas palavras em ambos os idiomas, havendo muitas, que mostrão bem claramente a differença delles em vocabulos, genio, e construcção.

(28) Tambem o illustre Barros cahio em trazer para prova da conformidade da lingua Portugueza com a Latina aquelles chamados versos:

O' quam divinos acquires terra triumphos,
Tam fortes animos alta de sorte creando:
De numero sancto gentes tu firma reservas, etc.

E não vio o sabio escriptor que se lhe podia fazer a censura que elle mesmo faz em outro lugar a certo letrado, que se prezava de eloquente, e dissera: *da-nos, Senhor, aquella, a qual o mundo não póde dar, paz*; e a outro que escrevendo huma carta, posera na data: *desta de Lisboa cadêa, onde ha mezes sete que sou habitante.* (Vej. a sua *Grammat. da Lingua Portug.* aonde trata das figuras e vicios da oração, e entre estes do *cacosyntheton*, ediç. de Lisboa 1785 em 12. pag. 170. e o *Dialogo em louvor da Ling. Portug.* no mesmo vol. pag. 218 e 219.) Aos quaes exemplos se póde ajuntar outro não menos digno de censura, tirado das obras do douto Bispo Pinheiro (ediç. de Lisboa 1785 em 8.° pag. 14) o qual na vida de Trajano, posta á frente da

Ultimamente por não fazermos mais extenso, e talvez fastidioso este discurso, concluiremos com apontar alguns testemunhos de antigos escriptores, que, a nosso parecer, mostrão claramente a existencia e uso das linguas vulgares das Hespanhas no periodo da dominação Romana de que tratamos.

1.° Até o tempo de Cicero basta citar este mesmo illustre orador, que querendo dar algum exemplo de huma lingua inteiramente estranha e desconhecida aos Romanos, e cujas palavras inutilmente se proferirião no Senado sem interprete, vai buscar a comparação á lingua Punica, e á Hespanhola: *tanquam si Poeni* (diz) *aut Hispani, in Senatu nostro sine interprete loquerentur*, (*De Divinat.* L. II. cap. LXIV. edit. de Olivet.) sendo que a este tempo ja os Romanos frequentavão as Hespanhas havia perto de dozentos annos.

Em outro lugar, falando em defeza de Pompeo, não duvida conceder que este grande capitão ignorava a lingua do povo de Cadiz; mas reflecte, que nem por isso se devia julgar que lhe fosse desconhecido o verdadeiro sentido dos tratados, que havia entre aquelle povo, e a Republica. *Etenim* (são as palavras do orador) *cum in Hispania bellum acerrimum et maximum gesserat, quo jure Gaditana civitas esset nesciebat? an cujus linguam populi non tenebat, interpretationem foederis non nosset?* (*Orat. pro Cornel. Balb.* c. VI.)

No seu Tratado *de natur. Deor.* L. I. cap. XXX. nos dá ainda outro argumento da verdade que aqui pretendemos estabelecer, dizendo que os nomes dos Deoses erão varios, segundo os idiomas de cada nação, e que Vul-

---

traducção do seu panegyrico, começa deste modo: *Ulpio Trajano, de nação Hespanhol, Ulpio de seu avôo, Trajano tomou de seu pay* etc. E poderamos citar muitos outros lugares semelhantes dos nossos escriptores, dictados pelo empenho de fazer Latina a lingua Portugueza.

Vulcano, por exemplo, tinha hum nome na Italia, outro em Africa, *outro na Hespanha*, sendo comtudo o mesmo Deos, em todas estas nações venerado. *Quot hominum linguae* (diz) *tot nomina Deorum*: *non enim, ut tu Velleius, quocumque veneris, sic idem in Italia Vulcanus, idem in Africa, idem in Hispania*, etc.

Finalmente na Oração *pro Archia* c. X. se queixa o illustre orador de que sendo a lingua Grega conhecida em toda a parte, e entre todas as gentes, erão comtudo estreitissimos os limites da Latina: *Graeca* (diz) *leguntur in omnibus fere gentibus*: *Latina suis finibus, exiguis sane, continentur*: expressões notaveis, que parece indicarem que a lingua Latina sómente era conhecida e falada no Lacio, ou quando muito na Italia (*suis finibus*), e das quaes o sabio orador não usaria, se já então a lingua Latina fosse não só conhecida e falada, mas até vulgarmente usada nas vastas regiões das Hespanhas (29).

2.°

(29) Das palavras de Cicero citadas, e de outras semelhantes, que se lêem nas suas obras (V. *De Finibus* L. I. cap. II. e III.) se póde bem colligir, quam pouco estimada era a lingua Latina dos proprios Romanos no tempo do illustre orador, e quam pouco conhecida seria, quanto mais usada e falada vulgarmente dos estrangeiros. Nós seriamos nimiamente extensos, se quizessemos accumular aqui todos os testemunhos, que mostrão a prèferencia, que não só em Roma, mas em todo o imperio Romano se dava á lingua Grega sobre a Latina, ainda no tempo, em que esta havia chegado á sua maior perfeição. Ja acima notámos, que os escriptores sagrados do Novo Testamento escrevêrão em Grego as suas obras, ainda mesmo aquellas, que erão particular e determinadamente dirigidas *aos Romanos*, como huma das Epistolas de S. Paulo, e (segundo opinião de alguns) o Evangelho de S. Marcos. S. Clemente, natural de Roma, e Bispo de Roma, escreveo em Grego. S. Ignacio escreveo em Grego as suas Epistolas, huma das quaes he dirigida *aos Romanos*. S. Justino Martyr defendeo os Christãos em Grego, em duas excellentes Apologias, endereçadas *aos Cesares*, *ao Senado*, *e ao Povo Romano*. Athenagoras tambem escreveo em Grego a Apologia a favor dos Christãos, offerecida a Marco Aurelio Antonino, e a Lucio Aurelio Commodo, imperadores Romanos. S. Ireneo, Bispo nas Gallias, usou da mesma lingua em seus escriptos; *nec enim refutari merentur* (diz Cave) *qui Irenaeum latine*

2.° Estrabão, que escrevia em tempo de Tiberio, nomeando na sua Geograf. (Liv. III.) alguns povos das Hes-

---

scripsisse volunt. Em Grego forão escriptas as Actas dos primeiros Martyres de Leão; e de S. Hilario, que floreceo no sec. IV. diz hum escriptor moderno, que foi *o primeiro, que escreveo em Latim sobre materias theologicas*, vendo-se por isso obrigado a usar de muitos termos e frases dos Gregos seus modelos, por não achar no Latim expressões correspondentes. Joseph, Judeo, de quem já tambem falámos, depois de ter escripto na sua lingua patria a Historia da guerra Judaica, a traspassou ao Grego, em graça d'aquelles (diz elle mesmo) *qui Romano imperio reguntur*, e póde dizer-se que escrevia no palacio de Vespasiano. Do imperador Tiberio nota Suetonio, que era prompto e facil em falar o Grego, postoque se abstinha de o fazer no Senado. Claudio escreveo em Grego, e affectava tanto o gosto dos estudos e poetas Gregos, que por este motivo zomba delle galantemente Seneca, na sua *Claudii Caesaris* αποκολοκυντωσις. Antonino e Marco Aurelio escreverão em Grego, e ao primeiro dizia Plinio: *hominem Romanum tam graece loqui! non mediusfidius ipsas Athenas tam Atticas dixerim. Quid multa? invideo Graecis, quod illorum lingua scribere maluisti* (L. IV. Ep. III.). Antes de todos estes Albino, Polybio, Appiano, Dion Cassio, Denis de Halicarnasso, e Eliano escreverão as suas Historias em Roma, e na lingua Grega; e comtudo Albino era Romano e nascido no Lacio; Denis de Halicarnasso tinha vivido vinte e dous annos em Roma, e tinha aprendido, como elle mesmo diz, a lingua e a litteratura Romana; Polybio era familiar de Scipião Africano, e Eliano era Prenestino. O Juris-Consulto Modestino escreveo em Grego. O imperador Juliano, educado na Italia, e longo tempo Governador das Gallias, escreveo em Grego, e nesta lingua pronunciou os seus panegyricos, e alguns discursos publicos. Que mais diremos? as mulheres Romanas falavão Grego no meio de Roma. Juvenal na Satyra VI. falando dellas, diz com huma especie de indignação:

Nam quid rancidius, quam quod se non putat ulla
Formosam, nisi quae de Tusca Graecula facta est?
De Sulmonensi mera Cecropis? omnia graece,
Cum sit turpe magis nostris nescire latine.
Hoc sermone pavent, hoc iram, gaudia, curas,
Hoc cuncta effundunt animi secreta. Quid ultra?
Concumbunt graece . . . . . etc.

E na Satyra III.

. . . . . *Non possum ferre, Quirites,*
Graecam urbem, quamvis quota portio foecis Achaeae.

Hespanhas, e da Lusitania, que havião recebido colonos Romanos, e que por esse motivo tinhão adoptado muitos dos costumes Romanos, e até falavão a sua lingua, acrescenta que os de mais Hespanhoes continuavão a usar de differentes dialectos, e differente grammatica: *utuntur et reliqui Hispani grammatica non unius omnes generis, quippe ne eodem quidem sermone*; por onde se vê, que á excepção d'aquelle pequeno numero de cidades, aonde era mais frequente o uso do Latim, e aonde mais reinavão os Romanos costumes, todas as outras conservavão todavia seus particulares e naturaes idiomas.

Outro tanto se collige do que nota o Geografo no principio do Liv. IV. que entre o Garonna e os Pyreneos tamsómente existião povos Aquitanos, e que estes não tinhão nem *a mesma linguagem*, nem os mesmos costumes, nem a mesma figura que os Gaulezes, antes a todos os respeitos erão mais parecidos com os Hespanhoes: comparação, que o escritor não poderia fazer em quanto á linguagem, se os Hespanhoes tivessem adoptado, e falassem a Latina.

3.° Plinio (Hist. Nat. L. III. cap. I.) reconhece a affinidade que havia entre os Celticos da Betica, e os da Lusitania por terem huns e outros a mesma linguagem, os mesmos usos religiosos, e os mesmos nomes de terras: *Celticos* (diz) *a Celticis ex Lusitania advenisse manifestum est, sacris, lingua, oppidorum vocabulis, quae cognominibus in Baetica distinguuntur.*

Eis aqui pois como a lingua Latina era universal no imperio Romano! e como os Romanos a introduzirão por toda a parte com as suas armas, e com a sua civilisação!... Cesse por hum pouco a illusão, que ainda hoje nos faz o nome Romano; ponha-se de parte a preoccupação inspirada pela vaidade escolastica dos nossos primeiros Mestres, e logo se reduzirá a mais justos limites a prevenção, com que olhamos a lingua Latina, e com que exaggeramos a sua universalidade.

4.° S. Ireneo, no seu Trat. *advers. haereses*, L. I. c. III. querendo provar a autoridade das *tradições* religiosas, inculca a sua uniformidade no meio da variedade das nações e das differentes linguas dos povos, e diz: *nam etsi in mundo loquelae dissimiles, sed tamen virtus traditionis una et eadem est. Et neque hae, quae in Germania fundatae sunt Ecclesiae, aliter credunt, et aliter tradunt; neque hae quae in Iberis sunt; neque hae, quae in Celtis; neque hae, quae in Oriente . . .* etc.

5.° Tacito (*Annal.* l. IV. c. XLV.) referindo o assassinio do Pretor Lucio Pisão, perpetrado por hum Hespanhol Termestino, diz que o reo mettido a tormento, clamára por vezes em alta voz, e *na sua linguagem patria*, que debalde pretendião extorquir-lhe a revelação dos seus cumplices: *cum tormentis edere conscios adigeretur, voce magna, sermone patrio, frustra se interrogari clamitavit.* Das quaes palavras deduz com razão o douto Florez: *que todavia se mantenia alli la antigua lengua española.*

6.° O celebre Jurisconsulto Ulpiano, na L. XI. Dig. *de legat. et fideicommissis*, decide, que os fideicommissos se podem deixar em qualquer linguagem, não só na Latina ou Grega; mas tambem na Punica, na Gauleza, ou na de outra qualquer nação: *fideicommissa quocumque sermone relinqui possunt, non solum Latina lingua, vel Graeca, sed etiam Punica, vel Gallicana, vel alterius cujuscumque gentis.* E postoque nestas palavras se não faz expressa menção da lingua Hespanhola, ou Lusitana, bem podemos comtudo suppôr que huma e outra era comprehendida no pensamento do escriptor, visto não haver razão alguma attendivel, para que a lingua Latina não gozasse na Africa ou nas Gallias a mesma superioridade e preeminencia, que se lhe pretende dar nas Hespanhas.

7.° O anonymo autor da *Divisão das Gentes*, que escrevia em tempo de Alexandre Severo, e já no Sec. III. da era vulgar, affirma mais de huma vez, que os Hespanhoes ainda então tinhão lingua propria, e proprios carac-

cte-

cteres de escriptura: e o mesmo repete depois delle Julio Africano, e outros escriptores, citados em Pellicer, *Poblacion, y lengua primitiva d'España*, §. 91.

8.° S. Paciano, Hespanhol, e Bispo de Barcelona, que florecia depois do meio do Sec. IV., escrevendo a Simproniano lhe diz (na Epist. II. §. 5 e 6 da ediç. de Florez) estas palavras: *Latium*, *Aegyptus*, *Athenae*, *Thraces*, *Arabes*, *Hispani Deum confitentur. Omnes linguas Spiritus S. intelligit*: das quaes palavras conjectura o Clar. Mayans, que no tempo do Santo escriptor ainda na Hespanha se conservava *alguna lengua propria de sus naturales*. (*Orig. de la Leng. Española*, §. XXXII).